

**BASES DE DADOS DIGITAIS E PESQUISA EM LITERATURA: REFLEXÕES A PARTIR DO PROJETO DE HISTORIA PUBLICA FUNES-UFRGS****BASES DE DATOS DIGITALES E INVESTIGACION EN LITERATURA: REFLEXIONES A PARTIR DEL PROYECTO DE HISTORIA PUBLICA FUNES-UFRGS**

Cássia Daiane Macedo da Silveira<sup>1</sup>, Jocelito Zalla<sup>2</sup> e Liliam Ramos<sup>3</sup>

**Resumo:** Neste trabalho, pretendemos compartilhar algumas discussões sobre bases de dados literárias em ambiente digital, a partir do projeto “Funes - memória da narrativa latino-americana”, desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que tem como um de seus objetivos, na sua primeira etapa, a construção de um banco de dados sobre romances históricos oitocentistas na América Latina. A reflexão está dividida em três partes, que visam mapear e avaliar possibilidades de relacionar História Pública e Literatura. Na primeira após a introdução, identificamos algumas experiências nacionais e várias estrangeiras que operam com dados da vida literária, organizadas sobre acervos institucionais de objetos impressos – que lidam com fundos de autores, de temas literários, de tipos de mídia impressa e/ou de espaços culturais e políticos – ou que produzem “arquivos inventados” digitais a partir de acervos variados ou sem vínculo com arquivos físicos. Na segunda, apresentamos uma breve história da “fonte” selecionada para nosso banco de dados, o romance latino-americano que tematiza passados locais. Na terceira, finalmente, expomos algumas questões que nos desafiam na realização da proposta, muito embora também possibilitem formas criativas de interação entre meio acadêmico e público leitor.

**Palavras-chave:** Banco de dados. História Pública Digital. Ficção histórica.

**Resumen:** Este trabajo tiene como propósito compartir discusiones acerca de las bases de datos literarias en ambiente digital desde el proyecto “Funes - memoria da narrativa latino-americana”, desarrollado en la Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que presenta como uno de sus objetivos, en su primera etapa, la construcción de un banco de datos de novelas históricas del ochocientos en América Latina. La reflexión se divide en tres partes que se dedican a cartografiar y a evaluar posibilidades de relacionar Historia Pública y Literatura. En la primera después de la introducción, identificamos algunas experiencias nacionales y varias extranjeras que operan con datos de la vida literaria, organizadas sobre acervos institucionales de objetos impresos —o que se ocupan de bases de autores, de temáticas literarias, de tipos de medios impresos y/o de espacios culturales y políticos— o que producen “archivos inventados” digitales a partir de acervos variados o sin vinculación con archivos físicos. En la segunda, presentamos una breve historia de la “fuente” seleccionada para nuestro banco de datos, la novela latinoamericana que contextualiza los pasados locales. En la tercera, por fin, exponemos cuestiones desafiantes en la realización de la propuesta, aunque también posibiliten formas creativas de interacción entre medio académico y público lector.

**Palabras clave:** Banco de datos. Historia Pública Digital. Ficción histórica.

---

<sup>1</sup> Professora adjunta no Departamento, no Programa de Pós-Graduação e no ProfHistória da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: cassia.silveira@ufrgs.br – Orcid iD: <http://orcid.org/0000-0002-3390-6015>

<sup>2</sup> Professor no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: jocelito.zalla@ufrgs.br – Orcid iD: <http://orcid.org/0000-0003-2614-0581>

<sup>3</sup> Professora do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: liliamramos@gmail.com – Orcid iD: <http://orcid.org/0000-0002-1963-5917>

## Introdução

Uma base de dados é uma forma de organizar informações que facilitem uma série de etapas posteriores no trabalho de pesquisa (GIL, 2015, p. 17). Ela possibilita novas perguntas, novas formas de visualização e o acesso prático a dados contidos em fontes outrora dispersas. Tiago Luís Gil (2015, p. 11-12) divide em dois os tipos de bases de dados, conforme o modo pelo qual foram concebidas: as bases elaboradas para responder a um problema de pesquisa e as bases elaboradas a partir da fonte, ou seja, aquelas que, centradas em um único tipo documental, buscam transportar suas informações para a estrutura necessariamente mais simplificada de um banco de dados. Gil pensava, ao escrever seu livro, em indicar aos historiadores os procedimentos típicos para a construção de qualquer banco de dados em História, bem como os debates teóricos mais recorrentes neste tipo de trabalho. Suas ponderações foram estabelecidas, portanto, a partir da sua experiência com os tipos documentais mais comuns no desenvolvimento do trabalho de historiadores e historiadoras.

E se quiséssemos produzir um banco de dados literário? Os leitores deste artigo terão razão ao ponderar que já existe uma infinidade deles, em todos os idiomas, disponíveis em repositórios na internet. De fato, há abundância de experiências em Humanidades Digitais envolvendo a matéria literária, muitas das quais se baseiam na recuperação de documentos literários, as próprias obras ou outros tipos documentais (correspondências, manuscritos, ilustrações etc.), em repositórios organizados em bases de dados digitais. Mas quais são os tipos de informações que em geral podemos recuperar nessas bases? Por quais princípios e segundo quais critérios elas “organizam” a literatura?

Para discutir os modos possíveis de organização das obras literárias em uma base de dados, este artigo procura colocar alguns questionamentos que vêm surgindo à equipe de trabalho do projeto de extensão em História Pública e Literatura “Funes - memória da narrativa latino-americana”, que tem entre seus objetivos a elaboração de um banco de dados digital. O Funes vem sendo desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul com uma equipe composta por docentes e estudantes do

Departamento de História, do Instituto de Letras e do Colégio de Aplicação. Seu caráter é bastante experimental. Mais do que encontrar respostas, o Funes procura levantar perguntas. A equipe não sabe quanto do que projetou será viável, mas entendemos que o trajeto, a resolução dos problemas surgidos, a discussão que tais problemas fomentam, já são, em si, motivos suficientes para a sua realização. São alguns desses questionamentos que trazemos neste artigo. Antes de mais nada, assim, julgamos importante conhecer algumas das iniciativas ligadas às Humanidades Digitais, relacionadas à literatura, em ambientes virtuais de acesso público.

### **Literatura e Humanidades Digitais**

As tecnologias se tornaram centrais nas sociedades contemporâneas e têm interferido em muitos dos processos que, outrora, não eram mediados pela interface digital. De acordo com David Berry (2012, p. 1), a pesquisa, ela mesma, vem sendo mediada pela tecnologia digital, e isso afeta tanto a sua epistemologia quanto a sua ontologia, conduzindo a uma série de novas reflexões. As mídias influenciam em como nos relacionamos com a pesquisa, alterando nossa interpretação do real e, até mesmo, como argumentam Evans e Rees, criando uma nova realidade, com imagens que se sobrepõem às versões da nossa memória (2012, p. 21). Alteram os nossos modos de pensar e também como nos lembramos, como constituímos nossas recordações: os meios digitais assumiriam, assim, uma função de “mediação cultural”, interferindo nas nossas memórias pessoais, por possibilitarem outros meios de “classificar, catalogar, selecionar, contextualizar os testemunhos” do passado (NOIRET, 2015, p. 41).

Maria da Glória Bordini, sobre a vinculação entre os estudos literários e o uso de tecnologias, argumentou, por sua vez, que a “articulação da obra com o sistema literário e cultural” seria facilitada pelas tecnologias digitais, ao possibilitar o cruzamento complexo de dados variados (2006, s/p). Dentre as iniciativas de Humanidades Digitais envolvendo literatura, talvez as mais conhecidas no Brasil sejam aquelas empreendidas pelo crítico literário italiano Franco Moretti. Moretti entende a literatura como um “sistema planetário”, que comporta um conjunto inumerável de textos. Portanto, o

estudo desse sistema dependeria da colaboração de muitos pesquisadores e de que a leitura direta das obras pudesse dar lugar, em certo tipo de pesquisa, à “leitura distante” ou “vista de longe” (MORETTI, 2000; 2003; 2008). Assim, ele entende que, alterando-se o método de análise - incluindo modelos quantitativos na abordagem das obras, tomadas em conjuntos de milhares - os modos de pensar a literatura, seu funcionamento e suas formas poderiam se diferenciar daqueles possibilitados pela leitura direta, obra a obra. O uso das tecnologias no desenvolvimento da sua abordagem tem sido uma constante, por motivos óbvios.

Em *A literatura vista de longe*, Franco Moretti concluiu que a “quantificação da análise literária pode assumir formas diversas, que vão da história do livro à estilística computacional, dos bancos de dados temáticos à análise multivariada do léxico, entre outras” (2008, p. 15). O site do *Stanford Literary Lab*, do qual o crítico foi fundador, contém uma série de experiências, conduzidas por variados pesquisadores e pesquisadoras, envolvendo o uso de tecnologias no estudo da literatura, com os mais diversos objetivos e problemas. David Berry (2012, p. 12-13) argumenta, entretanto, que as tecnologias não nos oferecem apenas a quantificação da pesquisa: elas introduzem outros métodos também qualitativos, uma vez que os softwares nos permitem novos meios de leitura e de escrita, até mesmo facilitando a participação direta de um público mais amplo, eventualmente não acadêmico, como é o caso do público leitor.

Para além das experiências conduzidas em Stanford, procuramos rastrear outras iniciativas relacionadas aos usos e à presença da literatura na web, nas quais nos deteremos daqui para frente. É preciso que se diga, porém, que aquilo que trouxemos para uma brevíssima análise não tem a pretensão de se constituir em um levantamento exaustivo - objetivo que seria irrealizável -, mas sim em uma revisão, ainda que limitada, de outras práticas e usos da tecnologia, que nos permita avaliar os caminhos, as opções, os sucessos ou os reveses, com os quais outros grupos de pesquisa já se depararam. Isso pode ser extremamente útil na avaliação de nossas próprias escolhas ou para a

resolução de inevitáveis impasses. Também é um meio de conhecer novas ferramentas e aquilo que elas nos trazem em termos de limites e possibilidades.<sup>4</sup>

Nesse inventário de práticas, encontramos principalmente os projetos de repositórios digitais que incluem ou buscam incluir as obras digitalizadas, tornando-se fonte de acesso a elas. Muitas vezes estão vinculados a bibliotecas que procuram ampliar o acesso às suas bases ou preservar do manuseio coleções raras. Esse é o caso do *Digital Collections at the Beinecke Library*, repositório digital da biblioteca de livros raros e manuscritos de Yale, do *Broadside Ballads Online*, com coleções da clássica biblioteca da Universidade de Oxford e da *Baylor University Libraries- Digital Collections*, criado para ser uma fonte de pesquisa e difusão daquela biblioteca. Essa é uma modalidade relacionada diretamente às práticas de preservação do patrimônio, à memória e à preservação e difusão de acervos documentais. Maria da Glória Bordini defende que, ainda que tivéssemos boas práticas de preservação e acesso documental, sem o uso das tecnologias dificilmente certas pesquisas seriam viáveis, devido às dificuldades impostas pelo manuseio físico de fichas em grande quantidade e sobre tipos muito diversificados de materiais (2006, s/p).

Alguns repositórios dedicam-se à obra e aos manuscritos de autoras e autores específicos, geralmente canônicos, e que possuem público assegurado. O *The Folger Shakespeare* é um repositório para leitura digital das obras de William Shakespeare, construído pela Biblioteca Folger Shakespeare, que, localizada nos Estados Unidos, possui a maior coleção do mundo de impressos do autor britânico. O site possui informações sobre a vida e a época de Shakespeare, em textos simples e acessíveis.<sup>5</sup> O *Jane Austen Fiction Manuscripts* reúne manuscritos da autora inglesa dispersos em diferentes instituições e é o resultado de um projeto de colaboração entre elas. Poderia ser considerado um certo tipo de “arquivo inventado”, conforme a acepção proposta por Roy Rosenweig e Michael O'Malley: “sites dedicados a coletar e disponibilizar

---

<sup>4</sup> Para Anita Lucchesi (2014, p. 139-140), em projetos digitais é fundamental conhecer as ferramentas, ainda que se tenha uma equipe especializada nas mídias utilizadas, uma vez que, desta forma, podemos saber quais opções temos ou não à nossa disposição, facilitando escolhas.

<sup>5</sup> Também é possível escutar o conteúdo do site, o que garante maior acessibilidade. Ainda entre as possibilidades trazidas pelo site está aquela de participar de um clube do livro virtual, gratuito e acessível a qualquer pessoa que deseje integrar-se às discussões uma vez ao mês.

documentos espalhados em vários arquivos ‘reais’” (2011, p. 158, tradução nossa).<sup>6</sup> Os manuscritos podem ser visualizados no próprio site, que contém outras informações relevantes sobre cada documento, desde o contexto de produção a referências sobre seus aspectos físicos (medidas, dados sobre papel e tinta utilizados etc.), apresentando os escritos também em sua dimensão de interesse para a cultura material. O *The Walt Whitman Archive*, dedicado à obra do poeta estadunidense Walt Whitman, é um projeto do Center for Digital Research in the Humanities da University of Nebraska-Lincoln. O site contém fontes de variados formatos, de trabalhos publicados a arquivos de imagem e som, sempre seguidos de informações sobre o contexto de produção dos documentos, bem como as imprecisões, aquilo que não se pode afirmar com certeza (ano em que o documento foi redigido, por exemplo). Há uma seção dedicada a compilar os trabalhos de Whitman originalmente publicados em periódicos, prática comum ao longo do oitocentos, contexto do autor. No mesmo sentido, e também realizações do mesmo Centro, há os repositórios digitais para as escritoras estadunidenses Willa Cather e Emily Dickinson: o *Willa Cather Archive*, dedicado à obra da autora falecida em 1947, e o *Radical Scatters*, composto por fragmentos de textos de Emily Dickinson, originalmente dispersos em várias instituições.

Iniciativa semelhante, no contexto cultural latino-americano, mas sem fundo físico próprio, ou seja, um “arquivo inventado”, é o site *Anáforas*, desenvolvido desde 2004 pela Facultad de Información y Comunicación da Universidad de la Republica, de Montevideú. Planejado como repositório virtual de acervos impressos digitalizados - em parceria com várias instituições, destacando-se a Biblioteca Nacional do Uruguai - o projeto visa à conservação e à difusão da cultura impressa do país. Divide-se, atualmente, em duas frentes principais. A primeira, *Anáforas: Biblioteca digital de autores uruguayos*, já conta com material de cento e vinte e oito escritores e artistas do país. As entradas são biográficas e levam à produção de autoras e autores, além de bibliografia crítica sobre suas obras. Por vezes, traz documentos de acervos pessoais, como manuscritos, correspondência e fotografias. A segunda frente, *Anáforas: publicaciones*

---

<sup>6</sup> “Sites devoted to collecting and making available documents that are scattered in various ‘real’ archives”.

*periódicas del Uruguay*, é uma hemeroteca digital com jornais, semanários, revistas e outros impressos mais efêmeros, incluindo uma seção dedicada aos “primeiros impressos”, com material publicado na Banda Oriental/Uruguai até 1850. As entradas são por coleções de periódicos e é possível fazer buscas por termos em cada edição.

Em geral, os sites apresentados até aqui contam com boas ferramentas de busca e disponibilizam acervos documentais para consulta. São uma excelente contribuição no âmbito da socialização de documentos raros, dispersos em diferentes localidades, ou que apresentam outros tipos de dificuldade para a leitura. Eles poderiam ser classificados sob a rubrica da difusão ou da divulgação científica. No âmbito de projetos de História Pública, entretanto, as discussões sobre a possibilidade de colaboração entre o meio acadêmico e o público são recorrentes, e têm apontado para a existência de uma “falsa dicotomia” entre as duas dimensões, propondo, ao contrário, um entendimento dialógico, em que diferentes fontes de autoridade podem contribuir na produção de conhecimento (FRISCH, 1990; 2016).

A ideia de uma “autoridade compartilhada”, como proposta por Michael Frisch, pode ser útil para pensarmos também na própria função desses arquivos digitais e nos usos que eles possibilitam ou interditam, devido aos modos como se estruturam, dessa grande massa documental. Frisch, refletindo sobre os arquivos de história oral, que em geral são compostos por áudio e vídeo das entrevistas, tendo nas transcrições uma forma de “contornar a intratabilidade das gravações”, defende que se busque soluções intermediárias entre o que ele chama de “cru” (as entrevistas em seu estado original) e “cozido” (trechos selecionados para documentários e podcasts, organizados em torno de uma narrativa específica). Assim, o autor procura refletir sobre “como os modos digitais podem superar a dicotomia entre criação de conhecimento e consumo de conhecimento”, inclinando-se para o uso de ferramentas e estratégias voltadas “menos para a gestão arquivística, de um lado, e resultados documentários, de outro”, orientando-se “mais para uma atividade intermediária, para um espaço mais criativo, mais aberto, menos linear e, portanto, mais compartilhável” (FRISCH, 2016, p. 64-65). Em relação à literatura talvez possamos, igualmente, imaginar modos mais criativos de participação no meio digital, um espaço intermediário entre o cru e o cozido, para usar a

referência de Frisch, em que leitores e pesquisadores possam dialogar. Algumas das iniciativas que localizamos na web procuram soluções digitais para a colaboração e a participação pública no interesse pelas obras de certos autores. Vejamos a que se propõem e quais ferramentas utilizam.

O *Herman Melville Electronic Library* possui recursos bastante criativos e que contam com a contribuição dos visitantes do site: além de um repositório digital para todas as versões das obras de Melville, comporta várias outras dimensões, incluindo uma seção para atividades educativas. Em seus aspectos colaborativos, os criadores do projeto vêm adicionando funções que permitem aos usuários fazer anotações digitais nos textos e agregar itinerários em mapas históricos, manejar os diferentes recursos para utilização em sala de aula e elaborar coletivamente uma base de dados sobre a imaginação geográfica em *Moby Dick*.<sup>7</sup> Já o site *Digital Thoreau* é resultado do trabalho cooperativo de universidades e associações interessadas na obra do autor estadunidense Henry David Thoreau, e conta com uma interessante forma de buscar a contribuição dos leitores: a leitura anotada de comentários nas “margens” das páginas de *Walden, A desobediência civil* e outros textos do autor. O site foi gerado em WordPress e conta com um *plugin*, o CommentPress Core, especificamente elaborado para que os leitores possam fazer comentários em um texto.<sup>8</sup>

No Brasil, há o ambicioso projeto digital da *Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin*.<sup>9</sup> O site da instituição possui um bom mecanismo de busca para o acervo físico, mas seu diferencial é a integração com os dois principais projetos digitais da instituição (além do *Arquivo BBM*): a *BBM Digital* e o *Blog da BBM*, permitindo visualizar ou fazer download de material digitalizado do acervo e de textos nativos digitais produzidos pela equipe da instituição. A *Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin: Acervo Digital* disponibiliza coleções digitais variadas, com periódicos, mapas, manuscritos, cartas,

---

<sup>7</sup> Além disso, os usuários podem mandar sugestões de novas funcionalidades para o site. Há, ainda, projetos em desenvolvimento que abarcam as adaptações de *Moby Dick* para o cinema, especialmente aquela de Ray Bradbury, com o diretor John Huston, de 1956.

<sup>8</sup> O site também conta com grupos de leitura para estudantes de escolas.

<sup>9</sup> Desde 2013, a biblioteca física se encontra aberta, reunindo o fundo do famoso casal bibliófilo, que conta com cerca de 32 mil títulos em mais de 60 mil volumes, e outra coleção “brasileira” importante da Universidade de São Paulo, aquela organizada por Sérgio Buarque de Holanda para o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP).

folhetos, imagens, obras de referência e livros. Já o *Blog da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin* oferece uma mediação criativa do acervo com seu público, uma experiência de divulgação que traça diálogos entre as obras e oferece análises e interpretações em postagens sobre, entre outros temas, literatura brasileira, história e historiografia literária. Apesar do nome, o espaço não se restringe ao formato clássico de blogs, pois também comporta duas ferramentas digitais colaborativas: a *Wiki BBM*, desenvolvida com o software livre de código aberto MediaWiki para a construção de verbetes; e o *Atlas dos Viajantes no Brasil*, que apresenta um mapa interativo, com os trajetos de dezenove viajantes estrangeiros (até o momento) em território brasileiro e sul-americano, com dados georreferenciados que permitem ao público criar suas próprias narrativas cartográficas a partir dos mecanismos de visualização, busca, filtragem e comparação dos conteúdos disponibilizados pela plataforma.

Essas experiências de construção de websites que contam com a anotação e colaboração dos visitantes ou que possibilitam a criação de comunidades virtuais de leitores, transformando os sentidos dos textos, nos provocam uma série de questões. Como a literatura afeta os leitores oriundos de diferentes regiões e em temporalidades distintas? Em relação à ficção histórica, objeto central do projeto Funes, como personagens e eventos ficcionalizados são reelaborados e reimaginados na leitura? A ideia de interpretar a própria imaginação, vinculada às experiências individuais e à memória, traz novos caminhos para uma história (digital) da leitura. David Berry apresentou um ponto de vista bastante otimista em relação a essas capacidades colaborativas trazidas pelas tecnologias, almejando a uma escrita verdadeiramente cooperativa, com potencial criativo, aproximando-se de um “intelecto coletivo”, entendido como “uma sociedade ou associação de atores que podem pensar criticamente juntos, mediados pela tecnologia” (BERRY, 2012, p. 9, tradução nossa).<sup>10</sup> É de se questionar se as experiências atualmente existentes, com todos seus pontos positivos, permitiriam, de fato, esse tipo de produção de conhecimento. Mesmo assim,

---

<sup>10</sup> “A society or association of actors who can think critically together, mediated through technology”.

como experimentos que possam investigar o potencial dessas práticas são extremamente valiosos.

Ainda entre os repositórios digitais, há aqueles que reúnem periódicos, nos quais muitos escritores e escritoras redigiram seus textos e, às vezes, foram *locus* para a publicação original de diversas obras. Nesse sentido, há aqueles repositórios ligados tanto a bibliotecas ou a arquivos que salvaguardam esses documentos, quanto iniciativas que reúnem periódicos a partir de certo marco temporal ou geográfico. Entre os repositórios do primeiro tipo, está o *NYPL Digital Collections*, com coleções da Biblioteca Pública de Nova York e, no Brasil, temos os exemplos das coleções de periódicos da *Biblioteca Nacional* e do *Arquivo do Estado de São Paulo*. Já os do segundo tipo possuem, em geral, vinculação institucional com Universidades e estão ligados a interesses de projetos específicos, que delimitam seus recortes temáticos, espaciais e temporais. São exemplos deles o *Modernist Journals*, repositório digital de periódicos publicados entre 1890 e 1922 em língua inglesa; o *Princeton Prosody Archive*, repositório digital de documentos, também em língua inglesa, publicados entre 1570 e 1923, elaborado com o intuito de pensar a poética historicamente; o *Women's Travel Diaries*, com diários de viagens escritos por mulheres nascidas na Inglaterra ou nos Estados Unidos. A *Biblioteca Digital Mnemosine* é um repositório digital de autores e obras pouco conhecidos do início do século XX, que se apresenta como um laboratório de experimentações nas relações entre literatura e informática, incorporando práticas de anotação digital e a produção de ferramentas úteis ao trabalho com a literatura. O mesmo grupo igualmente é responsável pela elaboração do *CIBERIA*, repositório de literatura nascida digital em espanhol.

Apesar das muitas vantagens da digitalização dos documentos, sobretudo em termos de preservação e de alcance dos fundos, considera-se que ainda é necessário mais reflexão teórico-metodológica sobre os impactos nos nossos modos de fazer pesquisa, além das mudanças na relação entre leitores e textos que a alteração no suporte, do impresso para o digital, provocam (FLORES, 2015; NOIRET, 2015; BRASIL, NASCIMENTO, 2020). Segundo Roger Chartier, presenciamos na atualidade uma simultaneidade de transformações inédita na história: nos suportes para a escrita, nas

técnicas de reproduzir e fazer circular as obras e nas formas de leitura. Se, como defende o autor, a materialidade do livro é inseparável da materialidade dos textos, é preciso reconhecer as especificidades radicalmente novas das obras nativas digitais, assim como as possíveis transformações de sentido operadas pela digitalização de textos que foram pensados para objetos impressos. As discontinuidades se dão, hoje, nas três instâncias: primeiro, os fragmentos de textos em telas de computador não são páginas, mas composições efêmeras; segundo, o e-book não possui uma forma material evidente e, poderíamos acrescentar, nem única, o que amplia as possibilidades de circulação; por fim, a leitura em aparelhos eletrônicos é sempre dispersa e segmentada, pois não é acompanhada de uma percepção da totalidade textual contida em objetos escritos como o livro/códice (CHARTIER, 2014, p. 22-23). De outro lado, como dito, a digitalização de textos do passado rompe com suas modalidades de disseminação e de leitura originais, o que também implica um esforço metodológico de reconstituição de sua historicidade material: “se queremos compreender os significados que os leitores davam aos textos dos quais se apropriavam, precisamos projetar, conservar e compreender os objetos escritos que os continham” (CHARTIER, 2014, p. 24). Um desafio que ainda exige acúmulo de discussão.

Entre as experiências digitais que não possuem a função de repositório ou que indexam informações presentes em outros repositórios e sites, encontramos mais algumas iniciativas. Talvez possamos propor que elas catalogam conjuntos de informações, incluindo aquelas referentes à localização física ou digital de certos documentos, sendo um modo de acesso a diferentes tipos de cruzamentos de dados.

O *At the Circulating Library: A Database of Victorian Fiction, 1837-1901* é uma base de dados biográfica e bibliográfica de ficção produzida entre 1837 e 1901. A base de dados funciona de uma forma bastante simples, tendo sido composta por conjuntos de páginas em que as relações entre as tabelas vêm por meio de links: uma forma de construir uma base de dados usando os hyperlinks a nosso favor. Já o *DEEP: Database of Early English Playbooks* é uma base de dados de peças de teatro impressas no Reino Unido durante o Renascimento. A busca já impõe ao usuário os termos disponíveis. O resultado apresenta uma ficha da peça de teatro solicitada, contendo informações

sobre a primeira edição, exibições, elementos paratextuais etc. O *Eighteenth-Century Book Tracker* é uma base de dados que indexa links de versões digitalizadas de obras e periódicos do século XVIII a bibliografias mais completas. O *Digital Library of Literature from Lusophone Countries* é, por sua vez, uma base de dados de literatura em língua portuguesa, elaborado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que inclui dados gerais sobre os autores e as obras e, em alguns casos, a obra em meio eletrônico. O site da UFSC possui uma ferramenta de anotação digital, o DLNotes, bastante interessante, ainda que com restrições quanto ao formato exigido para os arquivos.<sup>11</sup>

Por fim, vale mencionar projetos de digitalização e difusão especializados em periódicos no contexto latino-americano que nos interessa no projeto Funes, tais como o *Ahira - Archivo Histórico de Revistas Argentinas*, cuja equipe envolve pesquisadores das áreas de Letras, História e Comunicação, proporcionando acesso livre a coleções digitalizadas de revistas culturais, uma área com bibliografia acadêmica sobre os periódicos do acervo e um espaço virtual para interação e trocas entre investigadores-usuários da plataforma. No mesmo sentido, o REVISTAS - AmericaLee, do Centro de Documentación y Investigación de la Cultura de Izquierdas (CENDINCI), além de diversas coleções de periódicos digitalizados, oferece a seção “Estudios”, com artigos especializados nos títulos do acervo, em índice por autores. Além dos já citados projetos com periódicos desenvolvidos por universidades, cabe lembrar aqui as hemerotecas digitais de grandes bibliotecas públicas, que apesar de se dedicar à difusão dos fundos de imprensa ordinária acabam por documentar a vida literária em diversos espaços nacionais latino-americanos, em razão das histórias locais de desenvolvimento dos campos literários, que tiveram em jornais e revistas, por muito tempo, os principais veículos de difusão de obras, como romance em folhetim, conto, poesia, crônica e crítica literária. Além da já mencionada BNDigital, da Fundação Biblioteca Nacional do Brasil, há bons fundos digitais na *ASCUBI - Biblioteca Nacional de Cuba José Martí*, na *Biblioteca Nacional Digital de Chile*, na *Biblioteca Nacional Perú*, na

---

<sup>11</sup> Para mais informações sobre os usos possíveis da ferramenta, ver as contribuições de Márcia Abreu e Ariel Mittmann (2017a; 2017b), que apresentam outros modos pelos quais as tecnologias possibilitam mudanças substanciais nas próprias formas de pensar as pesquisas. A base de dados está vinculada ao Núcleo de Pesquisa em Informática, Literatura e Linguística, o NUPILL.

*BNU-CD*, da Biblioteca Nacional do Uruguai, na *Biblioteca Nacional Digital de México* e, ainda, na *Hemeroteca Digital. Biblioteca Nacional de España*, que traz importante acervo de impressos digitalizados de países americanos de língua espanhola.

Esse apanhado final evidencia o papel fundamental de instituições físicas consolidadas, como as bibliotecas públicas de pesquisa, na produção de acervos e bancos de dados digitais. Como lembra Robert Darnton, bibliotecas não são meros depósitos de livros e periódicos, mas centros de saber que representam o interesse público: “Adquirem bancos de dados, mantêm repositórios digitais, fornecem acesso a periódicos eletrônicos e orquestram sistemas de informação que alcançam as profundezas de laboratórios e gabinetes” (DARNTON, 2010, p. 59). Daí a importância de sua defesa, com investimentos contínuos em infraestrutura e acervos, frente às ambições de digitalização comercial de fundos públicos por empresas privadas de tendência monopolista, como o Google.

### **O romance (histórico) latino-americano no século XIX**

Neste artigo, pretendemos explorar alguns dos principais desafios inerentes à elaboração de uma base de dados literária capaz de transcender a mera enumeração dos autores e suas obras. Para isso, antes de mais nada, como se sabe, é preciso conhecer muito bem a nossa fonte, seus processos de produção, seus objetivos. No nosso caso, conhecer o mundo do romance do século XIX na América Latina, o contexto histórico em que esse gênero nasceu e se expandiu em nosso continente, o público leitor a que se destinava, os modos de publicação e as referências dos escritores. Especificamente em relação à ficção histórica, entender alguns debates acerca desse subgênero, sua emergência, expansão e características essenciais.

No banco de dados que nossa equipe vem idealizando, recortamos nosso conjunto documental para os romances, especificamente aqueles que de alguma forma buscaram ficcionalizar a realidade histórica no decurso do século XIX. Porque as definições de romance ou novela sejam tão instáveis, como veremos, dependendo do espaço em que são concebidas, igualmente delimitamos a geografia do nosso corpus.

Para iniciar o projeto, selecionamos o espaço regional rio-platense, compreendendo que existia no século XIX uma circulação de obras de ficção nas áreas onde se constituíram parte da Argentina, o Uruguai e o Rio Grande do Sul; razão de uma história fronteiriça com intensas trocas culturais. Nesse sentido, seguimos de forma aberta alguns apontamentos do crítico Ángel Rama sobre a dinâmica de regiões culturais transnacionais na América Latina, que “também podem abranger vários países contíguos ou recortar dentro deles áreas com características comuns, estabelecendo assim um mapa cujas fronteiras não se ajustam às dos países independentes” (RAMA, 2008, p. 68, tradução nossa).<sup>12</sup> No mesmo livro, Ángel Rama chama a atenção para a relação entre o estado brasileiro mais meridional e seus vizinhos rio-platenses: “Nesse segundo mapa [de regiões culturais] o estado Rio Grande do Sul, brasileiro, mostra vínculos maiores com o Uruguai ou a região pampeana argentina que com Mato Grosso ou o nordeste do seu próprio país” (RAMA, 2008, p. 68, tradução nossa).<sup>13</sup>

A definição de romance não costuma ser consensual, sobretudo porque a formação do gênero moderno teve histórias particulares, conforme o lugar em que se desenvolveu. No caso do romance hispano-americano, por exemplo, considera-se que o gênero se caracterizou como uma arma de combate contra a ordem colonial estabelecida, visto que autores - representantes de uma pequena porcentagem letrada - refletiam sobre o que era ser “argentino”, o que era ser “colombiano”, o que era ser “cubano” após as revoluções de independência: interessante verificar que grandes escritores como Domingo Faustino Sarmiento e Rómulo Gallegos chegaram a ser presidentes em seus países de origem. Para Varela Jácome (2000), o gênero se afirma somente a meados do século XIX, um claro anacronismo com relação às narrativas da Europa e dos Estados Unidos devido à conflitividade ideológica e à carência de modelos culturais idôneos. Segundo Hebe Molina (2011, p. 16, tradução nossa), que analisou o aparecimento da novela na Argentina no século XIX, “o fenômeno ‘romance’ abarca não

---

<sup>12</sup> “Pueden encabalar asimismo diversos países contiguos o recortar dentro de ellos áreas con rasgos comunes estableciendo así un mapa cuyas fronteras no se ajustan a las de los países independientes”.

<sup>13</sup> “En este segundo mapa [de regiões culturais] el estado Rio Grande do Sul, brasileño, muestra vínculos mayores con el Uruguay o la región pampeana argentina que con Matto Grosso o el nordeste de su propio país”.

só os textos prototípicos e exemplares, mas também os de menor valor estético ou histórico-literário, e tanto os escritos como os lidos”:<sup>14</sup> ou seja, a autora entende por novela o que autores, editores e leitores foram concebendo como textos integrantes do gênero no desenrolar do século XIX, segundo as concepções próprias daquele espaço e sistema cultural. Isso significa incluir no seu corpus tanto narrativas longas quanto curtas, as chamadas “novelitas” (que, apesar da pequena dimensão, são diferentes dos “cuentos”) (MOLINA, 2011, p. 58-59).

Em sua *Historia de la literatura hispanoamericana* (2012), o pesquisador peruano José Miguel Oviedo aponta que o romantismo chega da Europa e se propaga por toda a América com rapidez, intensidade e persistência pouco comuns. Tal disseminação o transformaria no fenômeno literário mais abrangente e de maior duração no século XIX, pois desatou uma renovação das artes e da sensibilidade geral acolhida pelos americanos e adaptada às circunstâncias culturais bastante distintas daquelas que originaram seu surgimento. A principal circunstância era o processo de emancipação pelo qual passava a maioria dos países hispano-americanos: o sistema colonial havia desaparecido quase que por completo e os antigos vice-reinos eram então nações que tratavam de afirmar sua identidade e definir sua cultura para definir “quem eram” ou para “continuar sendo”: “as mentes americanas perceberam a ideia romântica como um instrumento providencial para seus grandes projetos - um estilo novo para uma situação nova”<sup>15</sup> (OVIEDO, 2012, p.15, tradução nossa). Após vários séculos de submissão colonial, havia um sentimento irresistível nas comunidades hispânicas pela liberdade que se estendia ao terreno da cultura e das artes, onde, dificilmente, era possível seguir imperando o rígido modelo neoclássico.

O mais interessante, para Oviedo, foi que a liberdade romântica europeia, de clara motivação estética, se consolidaria na América através da necessidade política e, muitas vezes, subordinada a ela. Para tanto, o crítico literário Angel Rama (1982) afirma que o romance é o gênero decisivo na formação da literatura latino-americana por três

---

<sup>14</sup> “El fenómeno ‘novela’ abarca no solo los textos prototípicos y ejemplares, sino también los de menor valor estético o histórico-literario, y tanto los escritos como los leídos”.

<sup>15</sup> “Las mentes americanas percibieron la idea romántica como un instrumento providencial para sus grandes proyectos —un estilo nuevo para una situación nueva”.

fatores: por sua origem direcionada à emergente sociedade burguesa, pela conquista de sua autonomia e por suas características próprias, já que personagens, cenários e temáticas se ajustavam ao recente imaginário em construção após as independências. Doris Sommer (2004) estabelece que os romances oitocentistas latino-americanos se desenvolvem conjuntamente com sua história patriótica, despertando um fervente desejo de felicidade doméstica através dos sonhos de prosperidade nacional materializados em projetos de construção das recentes nações. Tais aspirações renovadoras se manifestam no nível da representação, em um plano utópico, caracterizado pelo compromisso de diálogo com seu tempo e sua sociedade. Sommer comenta que os romances nacionais acabaram se convertendo em fontes de história local e de orgulho literário em uma época na qual não havia uma clara distinção epistemológica entre arte e ciência, narrativa e fatos e tampouco entre projeções ideais e projetos reais. As fissuras ideológicas expostas pela história foram preenchidas pelos narradores que projetavam um futuro ideal e, dessa forma, escritores passaram a ser os responsáveis tanto por legitimar o nascimento de uma nação quanto por impulsionar a história em direção a esse futuro ideal.

Segundo Varela Jácome (2000), o primeiro romance histórico publicado na América Hispânica é *Xicoténcatl*, de edição anônima, de 1826, e autoria atribuída ao mexicano Salvador García Bahamonte na segunda edição, de 1831. A narrativa recria o momento histórico da Conquista espanhola sobre Tenochtitlán e descreve o enfrentamento entre o herói Xicoténcatl e o conquistador Hernán Cortés, embora apareçam também outros personagens históricos como Montezuma, Malinche e Bartolomé de las Casas. As fontes para a escrita do romance foram as crônicas da Conquista, especialmente a *Historia de la conquista de México*, de Antonio de Solís. No contexto brasileiro, a variedade das formas da ficção romanesca nas primeiras décadas após a independência, além das dificuldades de documentação, leva a debates sobre a definição do primeiro título do gênero romance. Por bastante tempo, a historiografia literária no país apontou como marco inicial o romance de amor *A moreninha* (1844), de Joaquim Manuel de Macedo, diante da relevância do projeto literário do autor para o estabelecimento do romantismo. Mas sabe-se que, ao menos, a edição de outro

romance de amor, *O filho do pescador* (1843), de Teixeira e Souza, precedeu Macedo.<sup>16</sup> Nesse quadro, o provável primeiro título de temática histórica é *Eurico, o presbítero* (1844), de Alexandre Herculano, que todavia não abordou a história local.<sup>17</sup> Quatro anos depois, também Teixeira e Souza lançaria *Gonzaga ou a Conjuração de Tiradentes* (1848), tratando do evento então considerado precursor dos desejos de independência do país. Com temática regional, sobre o Rio Grande do Sul, o primeiro romance foi publicado em 1847, com *A Divina Pastora*, de José Antônio do Valle Caldre e Fião.

O romance de tese ou ideológico teria seu auge na América Latina nos últimos anos do século XIX e uma das temáticas recorrentes foi a abolição da escravidão africana. Classificados como textos abolicionistas, apresentavam negros e negras como protagonistas e tinham como intenção denunciar o sistema escravocrata. Tal produção foi importante ao atacar as práticas racistas mediante o argumento racional da ética do trabalho ao descrever a escravidão como um ato condenável, com acusações ao sistema que permitia o abuso de poder. São textos que apelam às emoções, razões e valores do leitor observados nos romances sentimentais e nos testemunhos autobiográficos que detalhavam os abusos físicos e psicológicos sofridos por escravizados. No entanto, é importante destacar que tais obras (9 no total)<sup>18</sup> foram majoritariamente escritas por pessoas brancas, componentes da burguesia em ascensão, que de certa forma se condoíam com as violências aplicadas, mas acabaram refletindo em seus escritos um comportamento racista: em nenhuma das obras, que narram relacionamentos interracialis, o par romântico permanece. Para Jeffers (2013), a sociedade escravocrata do século XIX não permitia o matrimônio interracial pelos motivos racial (medo do

---

<sup>16</sup> No entanto, há registros pacíficos de publicações de narrativa curta por escritores brasileiros desde a década de 1820, tais como a novela *Statira e Zoroastes* (1826), de Lucas José de Alvarenga.

<sup>17</sup> O enredo se situa no reino visigodo do século VII na península ibérica durante as invasões muçulmanas.

<sup>18</sup> As obras são: *Autobiografía de Juan Francisco Manzano* (1835); *Petrona y Rosalía* (1838), de Félix Tanco y Bosmeniel (Cuba); *Francisco, el ingenio o las delicias del campo* (1840), de Anselmo Suárez y Romero (Cuba); *Sab* (1841), de Gertrudis Gómez de Avellaneda (Cuba); *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis (Brasil); *Florencio Conde: escenas de la vida colombiana* (1875), de José María Samper (Colômbia); *El negro Francisco: novela de costumbres cubanas* (1880), de Antonio Zambrana y Vázquez (Cuba); *Cecilia Valdés o la loma del ángel* (1882), de Cirilo Villaverde (Cuba) y *Roque Moreno* (1899), de Teresa González de Fanning (Perú). Das 9 obras, apenas 2 foram escritas por pessoas negras: *Autobiografía de Juan Francisco Manzano* e *Úrsula*.

“desaparecimento” da raça branca, apagada na figura do mestiço) e econômico (para evitar que as propriedades das elites fossem distribuídas em várias famílias). Portanto, um matrimônio interracial feliz não era possível nem na ficção, cujos finais apresentam a morte do/a protagonista negro/a. Para além dessa impossibilidade de felicidade, as obras tampouco apresentam personagens rebeldes pois os autores e autoras ainda estavam sensíveis à rebelião ocorrida no Haiti que culminou em sua independência em 1804.

No século XIX, havia a necessidade de narrar, em termos ocidentais/escritos, a história de cada nação. No entanto, Oviedo atenta para o reconhecimento da distância entre a promessa despertada pelo movimento e a realidade concreta, que por vezes foi decepcionante: a escrita romântica não conseguiu buscar no passado autóctone seus próprios elementos legendários pois seguia em sua ânsia imitativa, repetindo atitudes e posicionamentos do romantismo europeu ao popularizar formas artificiais e degradadas através de cópias vazias e sem mérito estético. Percebe-se, portanto, a permanência dos efeitos da colonização. Sommer (2004) também faz referência à uma projeção de futuro que não se concretizou: as denominadas ficções de fundação, obras que formaram gerações de leitores latino-americanos, propunham a conciliação de problemáticas vividas na realidade do continente como a já exemplificada questão racial, à qual se pode agregar os conflitos entre campo e cidade, para além da desigualdade social e econômica existente desde a chegada dos europeus. Embora tenham causado discussões importantes entre a população letrada da época, as propostas permaneceram no nível das ideias, visto que na realidade latino-americana atual permanecem praticamente as mesmas adversidades expostas nos romances do século XIX.

### **Ficção, história e base de dados**

Que tipo de base de dados, pública e digital, seria possível e relevante desenvolvermos sobre a literatura? Quais os benefícios de uma organização desse tipo para a ficção, ainda que considerando a inevitável simplificação (nada substitui a

experiência de leitura das obras) de alguns de seus aspectos? É ainda Tiago Gil (2015, p. 23) quem divide as fontes utilizadas para a elaboração de bases de dados em dois tipos, conforme sua estrutura: há aquelas fontes caracterizadas pela regularidade formal, ou seja, há elementos estruturais que se repetem em todos os documentos (um registro de batismo é um bom exemplo); e há aquelas fontes que não se caracterizam pela regularidade formal (as correspondências, por exemplo, que embora partilhem de alguma constância, costumam ter uma significativa parte variável a cada novo documento: o conteúdo da carta). A literatura poderia ser classificada adequadamente em qual desses dois tipos?

Os romances no século XIX tinham uma certa estrutura comum. Pode-se elaborar uma base de dados contendo título e subtítulo da obra, editora, local e data de publicação, nome do autor ou da autora, além de outros elementos eventuais, como um prefácio ou uma dedicatória. A estrutura do livro conta com certa estabilidade. Quanto aos romances não publicados em livros, mas em periódicos, conseguimos manter boa parte da estrutura proposta acima nos campos de uma base, acrescentando as informações concernentes a este outro meio de publicação. Mas e quanto ao conteúdo e à forma dos romances? Personagens, espaço, outros tipos de marcadores de certo subgênero específico (como as indicações temporais e referencialidade explícita dos romances históricos) e até mesmo o estilo de cada autor e os diferentes modos de organização do enredo talvez possam, com algumas reflexões prévias, também fazer parte de uma base de dados.

A questão dos campos que podem compor a base se liga ao fato de que a base que aqui projetamos será digital e, portanto, acessada e passível de se tornar útil a diversos objetivos. Para Mariana Thompson Flores (2015), o crescimento no número de computadores pessoais levou à consequente elaboração mais individualizada das bases de dados. A autora sustenta que tal individualização forçou a muito “retrabalho” - bases diversas, elaboradas por pesquisadores diferentes, a partir dos mesmos fundos documentais. O trabalho compartilhado poderia evitar essa sobreposição, porém, ao mesmo tempo, envolveria a elaboração de uma única base suficientemente ampla a ponto de poder ser utilizada por pesquisas muito diferentes entre si. Para Flores,

sobretudo no que se refere a fontes de cunho mais qualitativo, de natureza textual, e até mesmo considerando fontes quantitativas, não vislumbro, particularmente, meios de otimizar essa multiplicidade de bancos de dados que dizem respeito aparentemente às mesmas fontes. (2015, p. 243)

A autora tem razão, mas talvez, mesmo assim, os nossos processos de elaboração se enriqueçam diante da possibilidade de discutir de forma mais colaborativa os modos como trabalhamos. Concordando com Flores, uma primeira coisa que temos que abandonar, acreditamos, é a ideia de que será possível construir o banco de dados derradeiro, aquele que, após sua elaboração, nenhum outro banco de dados será necessário. Se são importantes as perguntas que ampliam os usos da base de dados (Quais campos podem ser criados pela nossa equipe que possibilitariam a consulta rápida por outros pesquisadores, auxiliando na construção de seus próprios problemas de pesquisa? Quais informações serão selecionadas para compor os campos da base?), também interessa questionar sobre os modos pelos quais podemos contar com alguma forma de colaboração: quais campos ou quais etapas da elaboração da base poderiam ganhar com a colaboração não só de outros acadêmicos, mas também dos comentários do público? Em que momentos do processo isso seria válido?

No caso da pesquisa em literatura, muitas vezes o acesso ao cânone é mais facilitado, é possível conhecer relativamente bem os autores e as autoras canônicas e suas principais obras. Mas a produção literária, em cada época, ultrapassa em muito as obras que foram avaliadas positivamente conforme critérios de valor e inclui uma vasta produção realizada por autores que também estavam elaborando seus processos de escrita e, no caso da ficção histórica, pensavam e debatiam o passado. Assim, uma base de dados capaz de organizar informações concernentes a esse tipo de material nos parece que seria de grande valia para muitos tipos de pesquisas, até mesmo ao possibilitar a formulação de novos problemas.

Não é possível incluir tudo o que um romance nos diz em um banco de dados, pois a função da narrativa é nos dizer mais do que a mera sequência de palavras: ela nos diz coisas ao longo do seu desenvolvimento, no enredo, na constante transformação das personagens, nas escolhas formais do autor. Ela propõe um pacto com o leitor, que confere significado ao escrito, de modo que cada obra depende de uma leitura que

possa atribuir-lhe sentido. Assim, fica a pergunta: há modos de incluir a interação com os leitores na interpretação de certos trechos das obras? Em caso positivo, a respeito de quais campos os leitores poderiam participar, atribuindo significados? Que outros modos de participação poderiam haver? Esse tipo de abordagem dialogaria com a ideia de História Pública, mas também de certa forma com uma sociologia da leitura.

Outro elemento que é preciso levar em consideração é a formação e as transformações da fonte usada para a elaboração da base, nesse caso, a ficção histórica produzida no século XIX. Há uma vasta bibliografia sobre esse tipo de literatura, e é preciso compreender suas características, mas também a história dos processos de interpretação dessas obras. A análise canônica do intelectual húngaro György Lukács (2011) sobre o romance histórico, por exemplo, é útil para os propósitos da nossa base? Aquilo que Lukács inclui ou exclui do que denomina como bom romance histórico não é, como se sabe, neutro. As escolhas do autor ainda são capazes de dialogar com os nossos propósitos?

A pesquisadora Rosa Maria Grillo alerta, citando o professor Aléxis Márquez Rodríguez, para o fato de que, na América Latina, o modelo de novela histórica predominante não foi aquele de Walter Scott (escritor escocês tomado como modelo da forma clássica do romance histórico, para Lukács), mas sim o do francês Alfred de Vigny: os dois escritores divergiam quanto à posição, no enredo, das personagens que representavam figuras históricas reais. Enquanto Scott dava aos “grandes vultos” históricos uma posição marginal na trama, atribuindo proeminência aos indivíduos medianos, inventados, o escritor francês optava por dar centralidade a essas figuras referenciadas em indivíduos reais. Para Grillo, na América Latina pode-se dizer que “desde o princípio prevalecem como protagonistas personagens históricos” (2010, p. 21, tradução nossa).<sup>19</sup>

Assim, como definir um corpus de obras com que trabalhar sem partir de uma conceituação rígida e extremamente fechada para a ficção histórica? Esse é um problema comum à elaboração de bases: para Gil (2015, p. 36), o paradoxo criado pela

---

<sup>19</sup> “Desde el principio prevalecen como protagonistas personajes históricos”.

necessidade de uma boa classificação para conhecer o passado e de conhecer o passado para ter uma boa classificação só se resolve com muito planejamento prévio e um grande esforço para conhecer o universo documental antes de começar a elaboração dos primeiros modelos da base.

Um dos aspectos presentes na bibliografia recente sobre romance histórico está ligado ao papel do leitor no reconhecimento do gênero. Rosa Maria Grillo considera, por exemplo, que os gêneros literários são “modelos mentais”, historicamente variáveis e, para tais transformações, contribuem tanto autores quanto leitores. Segundo ela, “cada gênero desperta no leitor um ‘horizonte de expectativas’ e lhe oferece alguns elementos facilmente reconhecíveis”<sup>20</sup> (GRILLO, 2010, p. 22, tradução nossa). De maneira similar, María Cristina Pons assevera que o romance histórico

não só é uma forma de (re)escrever, mas também implica em uma forma de ler. Seria possível dizer que essa forma de ler envolve um ‘processo de percepção dirigida’ [...] determinado pelo contrato de leitura que o gênero estabelece a partir de suas características convencionais e modos de tratar e perceber a realidade histórica. (PONS, 1996, p. 26, tradução nossa)<sup>21</sup>

Assim, a preconceção sobre o gênero, aquilo que o leitor espera encontrar como “matéria histórica” em obras literárias, acaba por ser central na própria definição final do corpus. Apesar de essas concepções tornarem, de certa forma, mais difícil a elaboração da base, por outro lado, pensamos que é justamente nesse espaço aberto à interpretação que a interação com os leitores se torna mais frutífera. Sendo o romance histórico um gênero contratual, talvez a nossa participação na elaboração da base, como acadêmicos, possa se dar partindo das predefinições dadas por autores, editores ou críticos. Mas essas predefinições podem ser postas em xeque no processo de recepção, naquilo que os leitores assumem, em cada obra, que pode ou não trazer as marcas da historicidade. Talvez a própria base, ou a página em que estiver hospedada, possa servir para encontrarmos mais indicadores para compreender o que faz um

---

<sup>20</sup> “Cada género despierta en el lector un ‘horizonte de expectativas’ y le ofrece algunos elementos fácilmente reconocibles”.

<sup>21</sup> “No solo es una manera de (re)escribir, sino que también implica una manera de leer. Se podría decir que esta manera de leer entraña un proceso de ‘percepción dirigida’ [...] determinado por el contrato de lectura que el género establece a partir de sus rasgos convencionales y modos de tratar y percibir la realidad histórica”.

romance ser considerado um romance histórico. Ainda que esse questionamento não implique em uma resposta definitiva, mas apenas em mais perguntas, isso, por si só, nos ajudaria a entender esse gênero a partir de outros pressupostos. Indo além, a própria definição do que possa ser interpretado como uma “marca de historicidade”, os deslocamentos que os leitores farão em relação ao que nós, profissionais, entendemos sobre o conceito de História, já nos dá matéria para a reflexão.

Há ainda alguns aspectos internos à trama, como o espaço, que possuem pelo menos duas formas para serem pensados: como um espaço físico que tem correspondência no mundo real e que pode ser transformado em um mapa; como um espaço poético, que pode ser interpretado simbolicamente.<sup>22</sup> Não nos parece que o espaço simbólico possa ser facilmente colocado em uma base de dados, pois a base implica uma simplificação que é incompatível com a reflexão sobre a poética do espaço. Mas o espaço físico sim, até porque em muitos casos esse espaço físico também é parte das “marcas registradas”<sup>23</sup> que trazem esse efeito de historicidade, imprescindível aos romances históricos. Como representar o espaço físico de um romance histórico em uma base de dados? Os deslocamentos são importantes também, ou poderíamos ficar apenas com as menções aos lugares? Um mapa pode figurar em uma base de dados? Para construir um mapa contendo deslocamentos em um romance, que informações precisamos ter? Além disso, o conceito de espaço inclui muitas coisas: uma cidade, uma região (“campos de cima da serra”), uma rua, um rio, uma floresta, uma casa, uma igreja. Como criar as diferenças entre esses distintos modos de presença do espaço físico em um romance?

Ainda que não consideremos possível simplesmente reduzir os significados atribuídos aos espaços nas tramas de romances históricos em um banco de dados, esse

---

<sup>22</sup> Franco Moretti, no *Atlas do romance europeu* (2003), procurou demonstrar como cada gênero tem uma espacialidade que lhe é própria, e essa espacialidade não é meramente acessória, mas estruturante do enredo. O espaço é essencial para o tipo de intriga que cada gênero desenvolve: o romance histórico oitocentista europeu, por exemplo, seria um gênero cuja espacialidade própria é a fronteira, o que estaria relacionado com questões típicas do desenvolvimento dos Estado-nação naquele contexto. Assim, a diferenciação entre duas formas de pensar o espaço, como apresentamos aqui, é meramente instrumental, uma vez que não é possível fazer um “descolamento” entre esses dois âmbitos.

<sup>23</sup> Conforme o sentido trazido por Alcmeno Bastos (2007, p. 87), como o “designativo próprio com que deu entrada nos registros documentais [históricos]”.

é um aspecto em que, mais uma vez, a participação dos leitores pode ser oportuna. Serge Noiret explica que, com a web 2.0, as práticas de crowdsourcing “sob várias formas e com diversos tipos de conteúdos, trabalho colaborativo e saberes, permitiu a gestão integrada dos conteúdos digitais por parte de quem tenha a possibilidade e o conhecimento para assim proceder” (2015, p. 35) e, especificamente, dá o exemplo dos cardápios de restaurantes da cidade de Nova York, que constituíam um acervo de cerca de 45.000 itens, e se tornaram parte de um banco de dados contendo os pratos e seus preços graças à colaboração pública dos usuários do site da New York Public Library. Ou seja, mesmo diante da imensidão de documentos, que tornam inviável a realização de certos projetos com reduzido número de pessoas, ainda assim há alternativas que os possibilitem. Há que se pensar em quais tipos de informações podem, sem prejuízo, contar com a colaboração pública e, também, quais informações podem, até mesmo, se beneficiar da colaboração pública, no sentido de que a participação subjetiva de grande número de pessoas acrescentaria valor ao desenvolvimento do projeto.

### **Considerações finais**

Nas seções iniciais deste texto, procuramos mapear e discutir possibilidades de bases de dados literárias e discussões sobre o gênero romance - mais especificamente o romance histórico - em contexto latino-americano. Esse percurso nos permitiu pensar sobre formas e conteúdos de um banco de dados público digital não vinculado à digitalização e catalogação de acervos de objetos impressos. Ainda não temos um modelo definido para nosso projeto, mas levantamos uma gama ampla de perguntas que devem orientar sua construção. Uma série de questionamentos suficientemente aberta, acreditamos, para interessar experiências semelhantes em fases iniciais de formulação, mas também para cotejar práticas já desenvolvidas de organização de dados da vida literária. Como dito anteriormente, nosso objetivo foi compartilhar questionamentos e, quem sabe, iniciar diálogos. Nesse sentido, indicamos, ao longo da reflexão, nossas preocupações com: a classificação da literatura em esquemas e convenções próprios dos bancos de dados para pesquisa histórica; as possibilidades e

os limites da estrutura da “fonte” romance, em suas materialidades editoriais e multiplicidades textuais, para a construção de uma base; a utilidade desse tipo de projeto para outras investigações e seu acesso por pesquisadoras e pesquisadores de outras instituições; a colaboração do público-alvo com a constituição, ampliação e redefinição/melhoramento da base; a necessidade de ultrapassar as listas canônicas mais tradicionais da crítica e da historiografia literárias na seleção das obras nesse tipo de projeto; o papel dos leitores de literatura na definição dos sentidos das obras e como isso pode afetar o banco de dados literário; as operações de simplificação e adaptação dos elementos da base para suportar as variações históricas da fonte literária; a definição do corpus sem cair em conceitualizações estanques do gênero temático específico (romance histórico); os usos dos traços do gênero literário e dos enredos das fontes na construção dos campos da base de dados, incluindo o tempo e o espaço; a possível representação cartográfica das espacialidades literárias em uma ferramenta digital desse tipo.

Dois contos componentes da obra *Ficciones* (1944) do argentino Jorge Luis Borges, que inspirou a ideia do nome do banco de dados literário público e digital, são pontos de partida para pensarmos nos objetivos da criação do banco de dados interativo: em *A biblioteca de Babel*, nos deparamos com um espaço que contém todos os livros possíveis e que existiu antes de todas as outras coisas - a memória dos livros; e, em *Funes, o memorioso*, o protagonista tem a capacidade de registrar todas as informações que recebe a partir da leitura de livros - a memória do indivíduo. É possível afirmar que os contos apresentam uma prévia da era digital, onde nos deparamos com o excesso de informação e, muitas vezes, não sabemos bem o que fazer com toda essa memória depositada nas redes. Nesse sentido, pensar em um espaço virtual de amplo acesso que possibilite a inserção do conhecimento individual (nesta primeira etapa do projeto, qual será a interação do leitor do século XXI acerca das obras do século XIX?) como complemento à memória dos livros poderá criar várias possibilidades de se reinterpretar a história, voltando ao nosso passado latino-americano para compreender melhor o nosso presente.

**Referências**

ABREU, Márcia; MITTMANN, Ariel. Lendo milhares de páginas em um dia: uma análise digital de textos críticos produzidos entre os séculos XVIII e XIX. *Leitura: teoria & prática*, Campinas, São Paulo, v. 35, n. 71, p. 31-48, 2017a.

\_\_\_\_\_. Ler o passado com ferramentas do futuro: uma análise digital de textos críticos do início do século XIX. *ALEA*, Rio de Janeiro, vol. 19/3, p. 651-667, set-dez. 2017b.

BASTOS, Alcmeno. *Introdução ao romance histórico*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2007.

BERRY, David M. "Introduction: understanding Digital Humanities". In: BERRY, David M. (ed.) *Understanding Digital Humanities*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2012.

BORDINI, Maria da Glória. Acervos literários e catálogos digitais. *Revista Texto Digital*, ano 2, n. 1, 2006.

BRASIL, Eric; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 33, nº 69, p. 196-219, Janeiro-Abril, 2020.

CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

DARNTON, Robert. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

EVANS, Leighton, REES, Sian. "An interpretation of Digital Humanities". In: BERRY, David M. (ed.) *Understanding Digital Humanities*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2012.

FLORES, Mariana Flores da Cunha Thompson. Os bancos de dados, os arquivos digitais e o papel do historiador. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 240-251, jul./dez. 2015.

FRISCH, Michael. "A história pública não é uma via de mão única, ou, De A Shared Authority à cozinha digital, e vice-versa". In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo (org.). *História Pública no Brasil: sentido e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

GIL, Tiago Luís. *Como se faz um banco de dados (em História)*. Porto Alegre: Ladeira Livros, 2015.

GRILLO, Rosa Maria. *Escribir la historia: descubrimiento y conquista en la novela histórica de los siglos XIX y XX*. Alicante: Cuadernos de América sin nombre, 2010.

JEFFERS, Nydia. *El protagonista negro en la narrativa antiesclavista latinoamericana del siglo XIX*. Lincoln, 2013. Tese (Doutorado em Filosofia). Departamento de Linguagens e Literatura. Universidade de Nebraska. Disponível em <<https://digitalcommons.unl.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1019&context=modlangdiss>> Acesso em: 10 set. 2021.

LUCCHESI, Anita. *Digital History e Storiografia Digitale: estudo comparado sobre a Escrita da História no Tempo Presente (2001-2011)*. Rio de Janeiro, 2014. Dissertação (Mestrado em História Comparada) - Programa de Pós-graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

LUKÁCS, György. *O romance histórico*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MOLINA, Hebe Beatriz. *Como crecen los hongos: la novela argentina entre 1838 y 1872*. Buenos Aires: Editorial Teseo, 2011.

MORETTI, Franco. Conjeturas sobre a literatura mundial, *Novos Estudos CEBRAP*, n. 58, p. 173-188, nov. 2000.

MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu, 1800-1900*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. *A literatura vista de longe*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2008.

NOIRET, Serge. História Pública Digital. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v. 11, n.1, p. 28-51, maio 2015.

OVIEDO, José Miguel. *Historia de la literatura hispanoamericana*. Del romanticismo al modernismo. Madrid: Alianza Editorial, 2012.

RAMA, Ángel. “Los procesos de transculturación en la narrativa hispano-americana”. In: *La novela latinoamericana 1920-1980*. Bogotá: Instituto Colombiano de Cultura, 1982.

\_\_\_\_\_. *Transculturación narrativa en América Latina*. 2ª ed. Buenos Aires: Ediciones El Andariego, 2008.

ROSENZWEIG, Roy; O'MALLEY, Michael. “Brave New World or Blind Alley? American History on the World Wide Web”. In: ROSENZWEIG, Roy. *ClioWired: the future of the past in the Digital Age*. New York: Columbia University Press, 2011.

SOMMER, Doris. *Ficciones fundacionales: las novelas fundacionales de América Latina*. Tradução de José Leandro Urbina e Ángela Pérez. Bogotá: Ediciones Fondo de Cultura Económica, 2004.

VARELA JÁCOME, Benito. *Evolución de la novela hispanoamericana en el siglo XIX*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2000. Disponível em <<http://www.cervantesvirtual.com/obra/evolucin-de-la-novela--hispanoamericana-en-el-siglo-xix-0>>. Acesso em: 10 set. 2021.

Submetido em 14.10.2021 – Aceito 01.12.2021